

CULTURA, RELIGIÃO E TURISMO – O CAMINHO DAS MISSÕES, RS

CULTURE, RELIGION AND TOURISM - THE WAY OF MISSIONS, RS

LUCIANA SCHERER ¹
SANDRA BEATRIZ FERNANDES ²
CARLOS AUGUSTO ALVES ³

Recebido em 20.11.2016

Aprovado em 28.06.2017

Resumo

O presente artigo traz uma reflexão sobre cultura, religião e turismo, e a importância de fenômenos como turismo cultural e religioso na valorização da cultura de uma região. O território de estudo situa-se na Região das Missões, no Rio Grande do Sul. A análise está focada no Caminho das Missões, uma rota de turismo que tem como característica a integração de toda uma cadeia produtiva do turismo. Sua importância, entretanto, vai além dos benefícios econômicos, já que ao longo de suas opções de roteiros com até 338 km, trabalha com os signos culturais e religiosos da região formando um conjunto cultural que referencia a história missioneira e propicia o resgate da autoestima de toda uma localidade. Esse trabalho, pautado tanto em esforços epistemológicos como ontológicos, descritivo e de abordagem qualitativa, com técnicas de pesquisa bibliográfica e observação participante para a caracterização do objeto e das práticas que o circundam, traz como resultado, o entendimento sobre as necessidades, de um lado, do aumento da demanda para o consumo do produto, e de outro, o cuidado para que se evite o qualquer tipo de comprometimento dos elementos constitutivos da cultura e da religiosidade, peças chave para a identidade desse objeto em análise. Compreende-se, portanto que o conjunto formado pela cultura e a religião, apresentadas por meio do turismo, requer planejamento e acompanhamento a fim de se maximizar os benefícios culturais, sociais e econômicos, de forma integrada e sustentável para a região.

Palavras-chave: Turismo e Cultura. Turismo Cultural. Turismo Religioso. Região das Missões, RS.

¹ Administradora (UFRGS) e Bacharel em Turismo (PUC-RS), Mestre em Ciências Sociais (PUC-RS), e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ, lucianascherer@yahoo.com.br.

² Agrônoma (UFSC), mestre em Agronomia (UFSC) e Doutora em Ciências do Solo (UFRGS). Professora na Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional, sandravf@unijui.edu.br.

³ Jornalista e Bacharel em Turismo (PUCRS) e Mestre em Ciências Sociais (PUCRS), casalves@terra.com.br.

Abstract

This article presents a reflection on culture, religion and tourism, and the importance of phenomena such as cultural and religious tourism in the appreciation of the culture of a region. The study area is in the Region of Missions, in Rio Grande do Sul. The analysis is focused on The Way of Missions, a tourism route that has as a characteristic the integration of an entire productive chain of tourism. Its importance, however, goes beyond the economic benefits, since throughout its options of itineraries with up to 338 km, works with the cultural and religious signs of the region forming a cultural set that references the missionary history and propitiates the rescue of the self-esteem of a whole locality. This work, based on both epistemological and ontological, descriptive and qualitative approaches, with bibliographic research techniques and participant observation to characterize the object and the practices that surround it, results in an understanding of the need, on the one hand, for the increase in the demand for the consumption of the product, and on the other, the care to avoid any kind of compromise of the constitutive elements of culture and religiosity, key parts for the identity of this object under analysis. It is understood, therefore, that the set of culture and religion, presented through tourism, requires planning and monitoring to maximize the cultural, social and economic benefits, in an integrated and sustainable way for the region.

Keywords: Tourism and Culture. Cultural Tourism. Religious Tourism. Region of Missions, RS.

1. INTRODUÇÃO

Aqui propõe-se uma reflexão entre alguns fenômenos sócio-culturais-econômicos que permeiam a sociedade: a cultura, o turismo cultural e o turismo religioso. O argumento central é a ideia de que o turismo pode ser propulsor de desenvolvimento regional, não só na esfera econômica, mas também na cultural. Os benefícios do Turismo não se restringem à esfera econômica, embora a economia constitua o argumento mais facilmente visível aos gestores públicos e privados, e por si só bastaria como argumento para o investimento no setor. Porém, de forma significativa, o Turismo também pode contribuir para o desenvolvimento social e cultural das populações, pois desenvolve o enriquecimento pessoal dos viajantes, amplia os conhecimentos humanos, possibilitando acesso aos recursos naturais e culturais de uma nação. Também pode atuar nas ações para a preservação dos bens culturais, tradições e costumes, bem como em relação ao patrimônio natural e cultural de determinada localidade.

O território de análise é a Região das Missões, no estado do Rio Grande do Sul, na qual situa-se uma das maiores riquezas históricas, religiosas e culturais do Brasil: os chamados Sete Povos das Missões, conjunto arquitetônico que abrigou uma experiência político-religiosa sem precedentes em sua época, meados do século XVIII. São Miguel das Missões, município da região, conta hoje com um atrativo turístico-cultural perene, o sítio arqueológico de São Miguel das Missões, reconhecido no ano de 1983 pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, o único no Rio Grande do Sul com esse título.

O turismo cultural e turismo religioso são os fenômenos observados, a partir de um objeto pontual, mas de muita importância para a cultura, para a religião, para o patrimônio, e para a sociedade missioneira, que busca uma ressignificação de seu patrimônio cultural através da interação entre o turista e os agentes socioeconômicos locais, o CAMINHO DAS MISSÕES.

Este artigo caracteriza-se como sendo de natureza descritiva, com uma abordagem pautada por um esforço epistemológico a partir de análises de referencial teórico sobre cultura, religião e turismo combinado com um esforço ontológico baseado na observação participante na Região das Missões e no produto turístico Caminho das Missões. A observação participante, considerada nesse contexto como um método no qual o investigador participa nas atividades diárias, nos rituais, nas interações e nos acontecimentos de um grupo de pessoas como um dos meios de aprendizagem dos aspectos implícitos e explícitos da sua vida rotineira e da sua cultura (DEWALT E DEWALT, 2002). Essa prática metodológica, de forma sistematizada e orientada para esse estudo ocorreu em algumas situações que podem ser destacadas: 1) na participação, como “turistas-peregrinos” em duas ocasiões, nas quais se estabeleceu uma relação de sujeito integrante do fenômeno turístico e se conviveu com outros turistas-peregrinos, bem como os prestadores de serviços turísticos e de apoio ao turismo; 2) na condição de residentes da Região das Missões; 3) na participação como sócios proprietários de um estabelecimento de hospedagem na cidade de São Miguel das Missões e 4) como participante de consultorias em planos de desenvolvimento do turismo na região em parcerias da Associação dos Municípios das Missões (AMM) com o Serviço Nacional de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio Grande do Sul (SEBRAE-RS).

O objeto de análise é o produto turístico caracterizado como Caminho das Missões, um sendo esse baseado em cultura, religião e historicidade, e que integra a região em termos geográficos, econômicos e socioculturais, por meio da interação entre os turistas e os prestadores de serviços turísticos e de apoio ao turismo.

Objetivo do trabalho é caracterizar e analisar o Caminho das Missões, bem como refletir sobre suas contribuições para a Região das Missões.

O trabalho está dividido em 3 partes, além dessa introdução e das considerações finais: a primeira apresenta de forma breve a Região das Missões, no Rio Grande do Sul. A segunda discute aspectos sobre cultura, religião e turismo, tratando de suas relações e suas potencialidades para o desenvolvimento de territórios. A última, procura apresentar o Caminho das Missões e analisar, mediante pesquisas documentais e observação participante, o seu papel na ressignificação da cultura missioneira e no desenvolvimento da região.

A emergência da experiência missionária em solo rio-grandense no século XVIII se mostra plena de conflitos sociais, culturais, econômicos e religiosos (OLIVEIRA, 2009). Neste sentido, além de registrar a trajetória histórica que incluiu, sob o mesmo ideário, europeus e ameríndios (os guarani), interessa, além identificar as tensões e os avanços coletivos que, de uma maneira ou de outra, foram responsáveis pela constituição do “ser missioneiro”, uma construção identitária estrategicamente manipulada e valorizada como fator de atração turística para a região, um olhar para as estratégias que permitem a valorização dessa cultura e para a contribuição do desenvolvimento social, cultural e econômico da região.

2. MISSÕES, RIO GRANDE DO SUL

A região das Missões, situada no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul é uma região que recebe turistas, mesmo que ainda de forma incipiente, do Brasil e de diversas partes do mundo, principalmente da Argentina, do Paraguai, do Uruguai e da Europa.

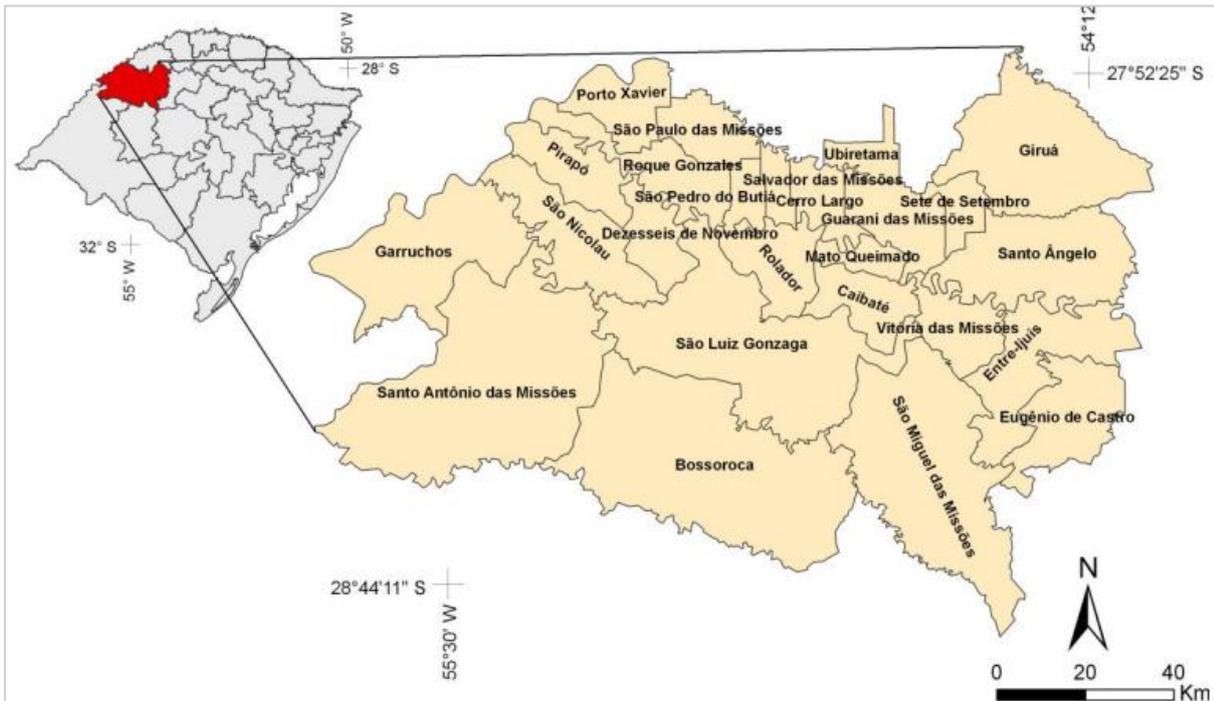


Figura 1 – Mapa da Região das Missões, RS
 Fonte: COREDE MISSÕES, 2016

A criação da Região Histórica das Missões no Brasil, conforme apresentada na figura 1, está relacionada à construção das Reduções Jesuítica-Guaranis, durante os séculos XVI e XVII. Para melhor compreender o sentido e o alcance das reduções, é interessante entender o que ocorria em meados do século XVI no Paraguai e na Argentina. Nesta época os espanhóis ocupam as terras dos guaranis e, pelo sistema da “encomienda”, impõem trabalhos forçados que destroem seu modo de vida e a reciprocidade do sistema. Com isso, condenam os guaranis à morte. Os jesuítas do Paraguai como outros religiosos e bispos católicos na América do Sul, se levantam em defesa dos índios e contra a “encomienda”⁴. Queriam os índios vivos e para isso propuseram-se a fundar cidades só de índios, proibidas aos brancos e distantes dos centros de conquista, com autonomia econômica, política e religiosa (ALVES, 2007).

⁴ Sistema que “deixava” comunidades sob os cuidados de uma encomendero que poderia utilizar a mão de obra dos índios para o desenvolvimento de atividades agrícolas ou a extração de metais preciosos. Em troca, o encomendero deveria assegurar o oferecimento da educação religiosa cristã para “seus” índios (SOSTER, 2014).

Assim, foram criados os chamados Sete Povos das Missões. Entre os povoados missioneiros citam-se: São Francisco de Borja (1682), São Nicolau (1687), São Luiz Gonzaga (1687), São Miguel Arcanjo (1687), São Lourenço Mártir (1690), São João Batista (1697) e Santo Ângelo Custódio (1706). No lado brasileiro, foram criadas essas sete reduções, denominadas de Sete Povos das Missões. Daí deriva-se o nome da região: As Missões (ALVES, 2007; OLIVEIRA, 2009).

O processo de ocupação da Região das Missões pode ser descrito em três momentos distintos, sendo a primeira a das etnias indígenas Guarani, Charrua e Kaingang; a segunda caracterizada pela presença de portugueses e espanhóis e suas respectivas dominações econômicas e culturais; e última pela entrada de colonizadores europeus alemães, italianos, russos, poloneses e outros. (RAMOS, 2006). Como observa-se, a região das Missões no Rio Grande do Sul-Brasil, passou ao longo de seu processo de povoamento por um processo de miscigenação étnico-cultural, que gerou algumas alterações nas atividades socioeconômicas regionais.

A região possui um significado importante no aspecto cultural gaúcho e brasileiro, pois em 1983 o conjunto arquitetônico jesuítico de São Miguel das Missões foi inscrito pela UNESCO como Patrimônio Histórico da Humanidade, sendo até os dias atuais, o único patrimônio histórico da humanidade em solo gaúcho (NOGUEIRA, 2007).

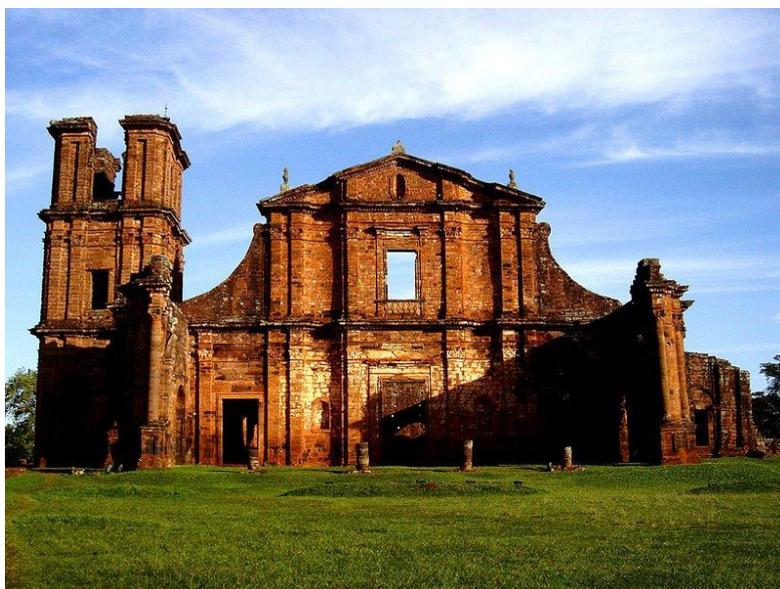


Figura 2 – As ruínas de São Miguel
Fonte: Pousada das Missões, 2016

A partir desse fato, de reconhecimento das Ruínas de São Miguel, conforme apresentado na figura 2, pode-se considerar que as atenções do poder público e privado começaram, novamente, mesmo que de forma tímida e lenta, a convergir para o território missioneiro. Contando com a participação de instituições federais, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Arquitetônico Nacional), o legado da experiência jesuítico-guarani passa, então, a ocupar, paulatinamente, os espaços de mídia, mobilizando esforços públicos e privados voltados à exploração turística da região (ALVES, 2007; NOGUEIRA, 2007).

Embora o reconhecimento do sítio arqueológico de São Miguel como patrimônio mundial esteja intimamente ligado ao legado histórico-cultural jesuítico dos Sete Povos, a Região das Missões possui uma rica diversidade cultural graças ao grande número de etnias que se instalaram na região, como os alemães, italianos, poloneses, russos, portugueses, espanhóis, afro-brasileiros, árabes, franceses entre outros, o que a torna riquíssima em termos culturais e históricos, surgindo então a necessidade de um olhar no sentido da sua valorização e preservação cultural.

3. CULTURA, RELIGIÃO E TURISMO NA REGIÃO DAS MISSÕES

Refletir sobre cultura, religião e turismo significa compreender processos sociais e culturais que não são necessariamente quantificáveis. A cultura pode ser definida como:

o conjunto de práticas, das técnicas, dos símbolos, e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de consciência social. [...] cultura pressupõe uma consciência grupal operosa e operante que desentranha da vida presente os planos para o futuro (BOSI, 1992 p.11).

Ao discutir o termo cultura é necessário cautela (BURNS, 2002), pois se for generalizado na noção de que esse conceito abrange tudo, acaba-se distanciando do seu significado mais profundo, já que o mesmo possui muitos significados de acordo com o contexto analisado. Na visão do autor, a cultura engloba a interação entre as pessoas e como essas aprendem umas com as outras; traz, ainda, a ideia de que essa

aprendizagem pode ser acumulada, assimilada e passada adiante através da escrita, fala, comportamento, conhecimento, valores que são adquiridos e passados entre gerações. Nesse enfoque, percebe-se que toda sociedade muda de acordo com o ambiente e a tecnologia a qual está submetida, ou seja, o conceito é dinâmico e as culturas mudam de acordo com o tempo.

Outra forma de considerar cultura diz respeito à noção de contraposição ao que seria “natural ou genético”, ou seja, tudo que se aprende, tudo que se desenvolve ao longo da existência da humanidade. Assim, o que não é obra da natureza, tudo aquilo que foi produzido por algum ser humano, não importando o seu grau de complexidade e de desenvolvimento é cultura (GARCIA CANCLINI 1982 p.9). Nesse sentido, a capacidade de falar é natural, mas a capacidade de falar o idioma português é cultural, por exemplo.

Uma das manifestações da cultura é a religião, já que “Cada uma das grandes religiões surgiu dentro de um determinado contexto sócio-histórico-cultural” (SANCHES 2004, p. 38). Na modernidade, a proliferação de seitas, a procura constante por alicerces de fé, crença e esperança, num mundo sem valores absolutos e estáveis, tem se intensificado.

O turismo é outra manifestação da cultura, e esse fenômeno está relacionado às viagens, com a visita a um local diverso da residência das pessoas. As viagens não são uma novidade da nossa época, pois, desde que se formaram as primeiras sociedades, o homem começou a viajar pelos mais diversos motivos: econômicos, políticos, sociais, culturais, esportivos e científicos. Os primórdios do Turismo estão bem mais ligados a motivos econômicos, políticos e religiosos do que propriamente de lazer. O Turismo teve seu início no século VIII a.C., na Grécia, quando as pessoas viajavam para ver os jogos olímpicos (MCINTOSH et al 2002). Outros pesquisadores afirmam que os primeiros viajantes foram os fenícios, por serem os inventores da moeda e do comércio.

O Turismo não deve ser entendido somente como um fenômeno ligado a viagens, pois tem impactos econômicos, sociais e culturais relacionados tanto com os turistas, com os residentes da localidade receptora, com a relação turista-residente e com as interações que vão além do sistema econômico. A Declaração de Manila (1980), elaborada na Conferência Mundial de Turismo, em Manila, nas Filipinas em 1980, dando origem

documentos que orientam a prática do turismo mundial (OMT, 2003) diz que no atual processo de globalização, o Turismo tem-se revelado como uma força-motriz, contribuindo para disseminar valores, novos hábitos, costumes e para aumentar a tolerância com as diferenças, para o aumento da compreensão mundial e da paz.

Ao longo das últimas décadas do século XX, o turismo buscou uma segmentação, baseada tanto em oferta como em demandas, sendo aos poucos caracterizado em diversos tipos, visando aproximar-se dos mais diversos públicos. Dentre esses segmentos, podem ser destacados o turismo cultural e o turismo religioso. O turismo cultural caracteriza-se como aquele que “compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MTUR, 2007 p.13). Esse tipo de turismo tem sido considerado a partir de um triplo enfoque: como a superação do turismo meramente consumista, como forma de unir os povos e como meio de desenvolvimento econômico para regiões sem a oferta clássica de lazer e entretenimento (BAUDRIHAYE, 1997 p.43).

O turismo religioso é considerado como um subsegmento do turismo cultural e “configura-se pelas atividades turísticas decorrentes da busca espiritual e da prática religiosa em espaços e eventos relacionados às religiões institucionalizadas” (MTUR, 2007 p.16), tida como uma forma prática que ultrapassa o domínio da religião enquanto instituição, fortalecendo e esclarecendo a amplitude da vivência da espiritualidade. Ele é uma das concretizações da fragmentação da unidade do campo religioso que iniciou com a modernidade.

A busca espiritual e a prática religiosa, relacionadas no contexto do turismo religioso, caracterizam-se pelo deslocamento a espaços e eventos para fins de realização de peregrinações e romarias, participação em retiros espirituais, participação em festas e comemorações religiosas, contemplação de apresentações artísticas de caráter religioso, participação em eventos e celebrações relacionados à evangelização de fiéis, visitação a espaços e edificações religiosas (igrejas, templos, santuários, terreiros), realização de itinerários e percursos de cunho religioso e outros. Por meio dos deslocamentos de pessoas, pode contribuir para a valorização e a preservação das práticas espirituais,

enquanto manifestações culturais e de fé as quais identificam determinados grupos humanos, assim como oferecer condições para um desenvolvimento positivo na economia, na cultura e na qualidade de vida da população local, através do reconhecimento dessas práticas, tanto pelo turista como os participantes da cultura e da religião na localidade, e é importante não se perder de vista as questões sobre a autenticidade das práticas culturais e religiosas, sob pena de se cristalizar um patrimônio (SILVA, 2014).

O turismo religioso constitui um novo modo de vivenciar a religiosidade num sentido mais aberto em relação à experiência do sagrado. Uma primeira forma desta prática está relacionada ao fenômeno de peregrinação religiosa, que remonta a uma tradição muito antiga (STEIL, 2003).

Atualmente, a peregrinação tem sido tema de controvérsia na Igreja Católica porque tem redimensionado, em parte, a vivência da espiritualidade. A peregrinação é um fenômeno antigo. Já o turismo religioso é um fenômeno recente, criado para significar um tipo específico de turismo. Este conceito adquire sua significação a partir do campo social. Ou seja, seu sentido se compreende por um movimento que vai de fora, do social e econômico, para dentro do religioso. O turismo religioso é, segundo Abumanssur (2003), um fenômeno que tem nascimento e caracterização identitária com o turismo de massa. O conceito de peregrinação acabou por ser compreendido dentro deste contexto numa subtração ao seu sentido tradicional, onde é praticado não só pela religião, mas também com motivações de lazer, passeios e turismo. A prática até pode ser semelhante, mas as motivações e todo o invólucro de relações são determinados pelo conceito de turismo adjetivado como religioso.

Na prática do turismo religioso se percebe frequentemente a desconsideração das motivações estritamente religiosas da viagem. Concentra-se, sobretudo, nas necessidades e na estrutura básica de hospedagem, de alimentação e de transportes que envolvem a viagem em si, que tem, em todo o caso, a designação de religiosa. O destaque nesse contato da estrutura criada pelo turismo com a indústria e a religiosidade está na importância que se atribui a esta última, que tende a constituir, enquanto turismo, uma certa emolduração ou até mesmo um apêndice dentro das atividades da prática do

turismo religioso. Não obstante, pode-se dizer que o turismo religioso contribui para propagar novas formas de experiência de fé e espiritualidade e com a igreja, não circunscrita apenas às celebrações litúrgicas (ALVES, 2007; SILVA 2014).

A diferença entre o turismo religioso e a peregrinação está nas motivações de interioridade e exterioridade na compreensão do turismo religioso. Locais que se tornam produtos turísticos sob a égide do sagrado, e com a extrapolação da motivação de cultivo da interioridade sacral, em favor apenas de desenvolvimento econômico (ABUMANSUR, 2003), perdem o caráter de turismo religioso, tornando-se apenas turismo. Mas de forma planejada, construir toda uma estrutura de turismo em regiões ou locais com conotação de valores religiosos, sem perder de vista a busca religiosa, significa um avanço das próprias possibilidades de acesso à abertura do sagrado destes locais. A convivência de motivações espirituais com as de mercado não precisa necessariamente representar um problema para a preservação da sua sacralidade. O que muitos religiosos questionam é a autenticidade do sagrado quando ele se torna objeto de desenvolvimento social-econômico de uma região, quando é explorado justificando a sacralidade como motivação para o desenvolvimento econômico.

No caso do turismo religioso ocorre a imersão do consumo material na dimensão da religiosidade, como integrante da cultura de determinada região. É sobre este aspecto que se pretende compreender o papel propulsor positivo do turismo religioso na cultura e no desenvolvimento da Região das Missões no Rio Grande do Sul, tendo em foco o roteiro Caminho das Missões.

4. O CAMINHO DAS MISSÕES – PRODUTO TURÍSTICO E VALORIZAÇÃO CULTURAL

O fluxo de turistas na região das Missões parece ter obedecido a determinados parâmetros, desde a década de 1960. Isto pode ser constatado pela simples observação dos meios de transporte empregados pelos turistas em seu deslocamento pela região, na maioria das vezes carros particulares ou ônibus de excursão. Sem que existam dados estatísticos precisos, é certo que, em sua maioria, os visitantes manifestam a preferência,

até os dias de hoje pelos passeios em grupo, em excursões, principalmente de escolas. Além do turista de eventos regionais, outro grupo de visitantes que se destaca é formado por famílias que, em férias, vão para a região, atraídas por vínculos familiares ou simplesmente pela possibilidade de conhecer uma localidade com apelo histórico, cultural e religioso, como é o caso de São Miguel das Missões (ALVES, 2007; NOGUEIRA, 2007).

O destaque assegurado pela exposição internacional fomentada pela UNESCO, através do reconhecimento pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade, não foi suficiente para promover o desenvolvimento da região. Diante do desafio de explorar o potencial turístico cultural e religioso oficialmente reconhecido, as instâncias governamentais e empresariais da região das Missões viram-se diante de uma série de dilemas sobre os rumos que deveriam seguir para assegurar o desenvolvimento da região.

Baseado nessa busca por desenvolvimento de produtos turísticos com a capacidade de atrair pessoas para a região formatou-se o Caminho das Missões, a partir da experiência místico-religiosa do “Caminho de Santiago de Compostela”, célebre destino de turistas de todo o mundo, localizado entre Espanha e França. O Caminho das Missões nasceu de um trabalho de quatro idealizadores: um publicitário (Cláudio Reinke), um economista (Romaldo Melher dos Santos), uma relações públicas (Marta Benatti) e uma historiadora (Gládis Pippi) (ALVES, 2007; CAMINHO DAS MISSÕES, 2016)

Apresentado como uma proposta de valorização da cultura missioneira, a partir de uma transposição, para o contexto originalmente ocupado pelos “Sete Povos das Missões”, é um roteiro aberto à interpretação dos peregrinos. Inclui em seus percursos elementos referentes aos simbolismos cultural e religioso agregados à história da região pela experiência colonizadora dos padres da Companhia de Jesus –, expresso, entre outras fontes, pela arquitetura e pelas esculturas do período, ainda presente em museus e nos próprios sítios arqueológicos – e pela mitologia guarani, povo que, ainda hoje, possui remanescentes estabelecidos em algumas das localidades integrantes do produto turístico (CAMINHO DAS MISSÕES, 2016).

Com o lançamento do Caminho das Missões, a dinâmica de visitação dos sítios arqueológicos situados na região com a presença de peregrinos, algo muito recente na

região das Missões, assume novas características. A presença dos peregrinos passa a ser constatada, efetivamente, após o lançamento oficial, em 2002, com o que pode ser considerada uma primeira fase pelas chamadas “caminhadas experimentais”. O roteiro do Caminho das Missões cobre praticamente toda a extensão da região missioneira e os principais remanescentes arquitetônicos ali instalados – foi planejado e definido a partir de um contato empírico com a região.

O roteiro turístico oferece quatro opções de percurso aos turistas. O mais longo, com 338 quilômetros, com duração de 14 dias, cobre a distância entre os municípios de São Borja e Santo Ângelo. A segunda opção com 184 quilômetros tem duração de 8 dias e vai de São Borja a São Nicolau. A terceira, com duração de 6 dias, 140 quilômetros, faz o percurso de São Nicolau a Santo Ângelo. E a opção mais curta, com 71 quilômetros e duração de 3 dias, vai de São Miguel das Missões a Santo Ângelo (CAMINHO DAS MISSÕES, 2016). Podem ser percorridos em grupos organizados pela operadora Caminho das Missões, ou individualmente com o apoio da operadora. Vale destacar que o termo Caminho das Missões dá nome tanto à operadora que organiza e comercializa, quanto ao próprio roteiro turístico. A operadora possui outros produtos turísticos na região, mas o “carro-chefe” da empresa é o produto Caminho das Missões, aqui destacado.

A rota pode ser visualizada na figura 1:



Figura1 - Rota Caminho das Missões
 Fonte: Caminho das Missões, 2016

A partir de sua constituição, ao longo da região, conforme visualizado na figura 3, o Caminho das Missões passou a integrar a pauta das discussões sobre a capacidade turística regional e sobre a preservação cultural e patrimonial, responsável, inclusive, pela aposta de outros empreendedores de apoio ao turismo, com a iniciativa percebida pelos demais agentes sociais que atuam nesse segmento econômico como portadora de grande potencial para o desenvolvimento.

Esse potencial de desenvolvimento pode ser relacionado tanto à dimensão cultural e como à dimensão econômica que esse produto emprega na região. Embora a econômica esteja ligada a geração de recursos na região, de certa forma, faz se difícil separar os benefícios econômicos dos culturais, já que costumes e hábitos podem também ser alterados e moldados por aspectos econômicos. De forma a facilitar o argumento, em relação a dimensão econômica pode-se analisar o número de empreendimentos envolvidos, o número de “peregrinos” e os valores pagos para a participação no roteiro. Além da operadora responsável pelo produto e pelas relações com o mercado – organização de grupos, organização do roteiro, contratação dos

hospedeiros, divulgação e comercialização - o roteiro conta com a prestação de serviços de infraestrutura básica, os chamados hospedeiros, que são os responsáveis por prover a recepção, a hospedagem e a alimentação dos peregrinos. Atualmente há 30 hospedeiros estrategicamente divididos entre os percursos. Ao longo desse período desde o lançamento em 2002, segundo informações da operadora já foram atendidos mais de 5.000 peregrinos. Em 2016, o valor pago pelo roteiro varia de R\$ 786,00 a R\$ 3.123,00 por pessoa, dependendo do percurso e da duração (CAMINHO DAS MISSÕES, 2016).

Outro aspecto importante que é possível destacar, é que tradicionalmente um dos grandes problemas do turismo nas missões é em relação a demanda, pois são turistas de um só pernoite e em sua maioria se concentram em apenas duas cidades: Santo Ângelo e São Miguel das Missões. São poucos os turistas que efetuam mais de um pernoite na região, ou que visitam outros os outros municípios além dos supracitados. Como os hospedeiros estão posicionados ao longo de toda a extensão do percurso do Caminho das Missões, e os roteiros variam de 3 a 14 dias, e os pernoites acontecem em diferentes municípios, nota-se um benefício no sentido de fazer com que os turistas visitem uma maior gama de municípios, além estender a estada do turista na região.

Para além da importância da dimensão econômica, é possível destacar a importância desse roteiro em termos valorização cultural. Há que se destacar que por muito tempo, o turismo nas Missões tem como objeto um amálgama de experiências culturais diversificadas, nem sempre estruturadas em torno de um núcleo comum, os Sete Povos. Porém, por meio da formatação de um roteiro turístico onde os signos históricos, culturais e religiosos como as Ruínas de São Miguel, Catedral Angelopolitana, figuras de Sepé Tiaraju e dos padres Roque González, Afonso Rodriguez e João de Castilhos, a Cruz Missioneira e a lenda da casa de M'Bororé, os Xamãs benzedores, todos presentes na vivência do peregrino do Caminho das Missões (ALVES, 2007), é possível afirmar, na condição de pesquisadores e profissionais do turismo, formar um conjunto que referencia as Missões como um todo, e que pauta-se pelo resgate de autoestima do povo local e por fim, pela preservação, reconhecimento e valorização da cultura.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O crescente fluxo de visitantes nas localidades que acreditam no seu potencial turístico contribui, por um lado, para a melhoria da renda das famílias. Isso ocorre devido à geração de empregos, ao crescimento da produção artesanal, ao incentivo ao desenvolvimento imobiliário e hoteleiro, canalizando recursos para as cidades do interior. Por outro lado, essa afluência de turistas contribui para a preservação da identidade cultural e religiosa, particularmente por meio da manutenção do patrimônio natural e edificado. Dessa forma, a participação da comunidade local é essencial para o sucesso da atividade e para a preservação do patrimônio cultural da região.

Como produto turístico, o Caminho das Missões faz uso de símbolos regionais marcantes, resgata a parte histórica mais significativa da região (que é narrada aos Peregrinos pelo “amigo peregrino” e pelos hospedeiros e durante as visitas guiadas aos sítios arqueológicos remanescentes do período jesuítico-guarani) e procura mostrar uma cultura missioneira que é hoje tema de discussão nas produções acadêmicas, nas esferas públicas e organizações sem fins lucrativos e nos meios de comunicação.

Compreende-se que a expansão do produto turístico Caminho das Missões depende da adoção de políticas públicas para fomentar a atividade, visando proporcionar alternativas econômicas, culturais e sociais para o povo missioneiro. Estas políticas públicas melhoram, sobretudo, a infraestrutura local para o crescimento do setor de turismo e têm como função, regular o estabelecimento de um turismo sustentável na região. Porém, há que se considerar que com a elevação do fluxo turístico surge a necessidade de ampliação da estrutura de hospedagem dos atuais prestadores de serviços do Caminho. Por ora, não se sabe se os hospedeiros atuais serão capazes de absorver um aumento da demanda. Além disso, o aumento do fluxo de turistas poderá afetar seu cotidiano, principalmente suas práticas culturais, como a missa aos domingos, os encontros familiares, o baile no fim de semana, o chimarrão à tarde, o que deverá colocar em xeque igualmente a simplicidade e a forma caseira, afetiva e amistosa de receber dos hospedeiros, justamente o que é mais bem avaliado pelos peregrinos.

O turismo do Caminho das Missões não trabalha apenas com produtos e relações concretas, mas também com o imaginário cultural jesuítico-guarani e religioso. Converter em atração turística, a cultura e a tradição missioneiras, constitui-se, de certo modo, em uma forma de renová-la e, também, de transformá-la e valorizá-la. Quanto maior o fluxo turístico em torno dessa identidade missioneira, de sua história, de sua cultura e de seu imaginário, maior sua valorização. A invenção da tradição missioneira e o revigoramento da cultura jesuítico-guarani constituem uma espécie de culto da formação cultural da região, que termina por resultar na valorização da própria população da região missioneira.

A riqueza de sentido da cultura jesuítico-guarani e toda a vivência religiosa têm no turismo um veículo de reinterpretação do sentido desta cultura para a comunidade missioneira atual. Com o ressurgimento de sentimentos, ideias, imagens, a forma de organização da própria materialidade da sociedade é transformada a partir do fomento da tradição cultural e religiosa. Em Santo Ângelo, uma marca desta transformação provocada pelo Caminho das Missões é percebida em vários locais, tendo na Igreja Catedral o exemplo principal, tendo em conta sua restauração e a construção de uma praça e um portal próprio para receber os peregrinos.

O que está em discussão é como vender este produto como forma efetiva de desenvolvimento regional na perspectiva de um turismo sustentável nos planos cultural, político, econômico, ambiental e social. Por isso, a fim de se manter a maximização dos benefícios e minimização dos impactos negativos, tanto na esfera econômica como na cultural, o Caminho das Missões é um produto turístico que deve ser acompanhado e planejado, tanto pela iniciativa privada como pela governança pública, através de um estudo de capacidade de carga da região e estudos voltados para a mitigação de impactos negativos.

6. REFERÊNCIAS

ABUMANSUR, Edin Sued (Org.) **Turismo Religioso: ensaios antropológicos sobre religião e turismo**. São Paulo: Papyrus, 2003

ALVES, Carlos. **O Caminho das Missões e seus Peregrinos: uma nova modalidade de produto turístico na Região das Missões**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BAUDRIHAYE, Jaime-Axel. **El Turismo Cultural: Luces y Sombras**. Madrid: Instituto de Turismo de España - Turespaña, Estúdios turísticos, 1997.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

BURNS, Peter. **Antropologia do Turismo: uma introdução**. Tradução Dayse Batista. São Paulo: Chronos, 2002.

CAMINHO DAS MISSÕES. **Mapa do Caminho as Missões**. Disponível em www.caminhodasmissoes.com.br. Acesso em 28/08/2016.

CAMINHO DAS MISSÕES. **Roteiros**. Disponível em www.caminhodasmissoes.com.br. Acesso em 28/08/2016.

CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DAS MISSÕES (COREDE MISSÕES). **Planejamento Estratégico Corede Missões**. Disponível em www.al2.rs.gov.br. Acesso em 30/07/2016.

DEWALT, Ketllen. e DEWALT, Billie. **Participant observation: a guide for fieldworkers**. Walnut, Creek, CA: Altamira Press, 2002.

GARCIA CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MINISTÉRIO DO TURISMO DO BRASIL -MTUR. **Marcos Conceituais da Segmentação do Turismo**. Brasília: MTUR, 2007. Disponível em www.turismo.gov.br , Acesso em 15/07/2016.

MCINTOSH, R. W et al. **Tourism: principles, practices, philosophies**. New York: John Willy & Sons, 2002.

NOGUEIRA, Carmen. **O Turismo, o Reencontro e a Redescoberta na Região das Missões**. 2007. Tese (Doutorado) – Doutorado em Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

OLIVEIRA, José. **Pedido de perdão ao triunfo da humanidade: a importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2009

OMT. Organização Mundial do Turismo. Guia de Desenvolvimento do Turismo Sustentável. São Paulo: Bookman. Organização Mundial do Turismo. 2003

POUSADA DAS MISSÕES. Disponível em http://www.pousadadasmissoes.com.br/arquivos_internos/index.php, Acesso em 15/07/2016.

RAMOS, DARI. **A formação histórica dos municípios da Região das Missões do Brasil**. Santo Ângelo: URI, 2006.

SANCHES, Mário Antônio. **Bioética: ciência e transcendência**. São Paulo: Loyola, 2004.

SILVA, Juliani. **Benzimentos: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões (RS)**. Santo Ângelo: FuRI, 2014

SOSTER, Sandra. **Missões Jesuíticas como Sistema**. 2014. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014

STEIL, Carlos. Peregrinação, Romaria e Turismo religioso: raízes etimológicas e interpretações antropológicas. In: ABUMANSUR, EdinSued (Org.). **Turismo Religioso: Ensaio antropológico sobre religião e turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.